

LITERATURA E FILOSOFIA *EM SILÊNCIO* (1978), DE MARIA LYSIA CORRÊA DE ARAÚJO

CRUZ, Iza Condé da¹
PIRES, André Monteiro Guimarães Dias²

RESUMO: Tendo por base as possibilidades que o encontro entre literatura e filosofia nos proporcionam, procuraremos neste artigo fazer algumas reflexões acerca dessa interdisciplinaridade a partir dos contos “Os olhos incólumes”, “De muita coragem”, “A mulher no mar” da obra *Em silêncio* da escritora mineira Maria Lysia Corrêa de Araújo (1978). Ao mesmo tempo, chamaremos atenção para aspectos em seu livro que demonstram uma grande vontade das personagens de escaparem dos moldes sociais. Para essa análise, usaremos como base o pensamento dos filósofos Friedrich Nietzsche (s/a) e Gilles Deleuze (1998).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e filosofia, Mulheres escritoras, Maria Lysia Corrêa de Araújo.

Introdução

Ao refletirmos sobre o encontro entre literatura e filosofia podemos enxergar muitas possibilidades de entrelaçamento entre essas áreas nas produções poéticas, nas prosas ou nas reflexões despertadas em sala de aula junto ao trabalho do educador. Dentro da literatura brasileira, vários autores conseguiram tornar a linha entre filosofia e literatura algo muito tênue. Um exemplo é Clarice Lispector. Pâmela Zacharias (2019), em seu artigo “A literatura filosófica de Clarice Lispector”, esclarece que a escrita da autora brasileira é de tão grande potência que para estudá-la é necessário estabelecer novas conexões para além daquelas que já estamos habituados a fazer, por isso,

1 CRUZ, Iza Condé da. Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutoranda em Estudos Literários na UFJF. iza.conde.14@gmail.com

2 MONTEIRO, André. Universidade Federal de Juiz de Fora. Pós-doutor em Estudos da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF. duidimonteiro@gmail.com

planos de composição e de imanência, e personagens estéticos e conceituais muitas vezes se atravessam e coexistem nos escritos de Clarice, compondo uma literatura híbrida, com uma potência filosófica que imprime no pensamento um movimento e cria seres sensoriais e conceituais. Personagens e narradores que, para além de fazer parte de uma história, tornam-se agentes de um fazer filosófico (ZACHARIAS, 2019, p. 17)

Outro exemplo que podemos citar é João Guimarães Rosa que, de acordo com Taís Salbé Carvalho e Antônio M. von Söhsten Gomes Ferraz (2016, p.137), por meio de seu personagem Riobaldo, recorre à linguagem, seja pelo diálogo com o interlocutor ou o autodiálogo, como uma forma que percorrer as questões que o levam até o abismo do “não-saber para ir em busca de si mesmo (...) em um movimento circular e infinito do sagrado, entendido como doação das questões que estão na origem do homem enquanto ser questionante”. É nessa perspectiva que afirmam: “percebe-se que é também pela linguagem que se dá o caminho para o entendimento da relação que acontece entre filosofia e literatura em *Grande Sertão: Veredas*” (p. 137).

Tanto Clarice Lispector quanto Guimarães Rosa fizeram de suas produções meio de reflexão sobre o ser através das experiências de seus seres ficcionais. Foi pensando nessa relação que Maria Lysia Corrêa de Araújo tornou-se a escritora ideal para a reflexão proposta neste artigo.

Levando em consideração esses aspectos, não temos a intenção, neste trabalho, de trazer uma definição do que seria filosofia e literatura, ou discutir os limites entre uma área e outra. Pretendemos verificar a presença da reflexão filosófica nos contos de Maria Lysia Corrêa de Araújo e perceber como a escritora mineira também caminhou por questionamentos sobre o ser em suas expressões literárias. Assim, este trabalho procura investigar como o encontro entre literatura e filosofia faz-se tão reflexivo e adquire diferentes contornos interpretativos nas narrativas escolhidas, os contos “Os olhos incólumes”, “De muita coragem”, “A mulher no mar” da obra *Em silêncio*, publicada em 1978.

Sobre Maria Lysia Corrêa de Araújo

Maria Lysia Corrêa de Araújo nasceu em Minas Gerais, na cidade de Campo Belo. Ademais, morou em São João del-Rei, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde iniciou seus estudos no curso de Letras, na Universidade Federal de Minas Gerais, no

entanto, não chegou a completá-lo. Formou-se, porém, na *Escola de Arte Dramática de São Paulo* e lá recebeu o prêmio de “Melhor interpretação” na *Peça de Ionesco*.

Além de sua vocação para o teatro, Lysia Corrêa também marcou a sua presença na literatura. Uma de suas obras, *Em silêncio* (1978), trouxe os questionamentos necessários para que este estudo ocorresse.

Helianara Amorim Moura (2018), que durante sua pesquisa de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais teve acesso a parte do acervo de Maria Lysia Correa de Araújo, esclarece que a maioria das crônicas da escritora mineira foram escritas entre as décadas de 1950 e 1960 e publicadas em jornais e revistas de Minas Gerais e São Paulo. Helianara A. Moura, ao estudar a obra *Anjos de asas leves*, aponta que as crônicas de Lysia Corrêa apresentam uma profunda reflexão sobre a sociedade com base em um olhar extremamente subjetivo que nasce a partir da sensibilidade da cronista. Além disso, a pesquisadora também afirma que o produto literário de Lysia Corrêa é fruto de uma vida em trânsito, por essa razão a “construção da sua obra passa por uma singularidade que ao mesmo tempo é composta por tradições e rupturas, lugares e não-lugares, influências e inovações, lembranças e esquecimentos” (p. 412).

Da mesma forma, Wilbert Oliveira (2015) ao analisar o conto “A roupa” de Maria Lysia percebe como o espaço e os personagens comuns são a oportunidade para uma ruptura com o ambiente que circunda a história, afinal “todas as ações tidas como comuns pelo personagem são o que lhe angustia” (n.p.). Assim, há uma tentativa do personagem principal de romper com o homem comum que existe em si e com as estruturas do cotidiano. As inquietações do personagem do conto “A roupa”, de acordo com Oliveira, “manifestam-se de sua angústia enquanto ser-no-mundo, percepção aniquiladora que o orienta para a preocupação com as amar(gu)ras do existir, para romper com as estruturas mesmas, mesmices do cotidiano” (n.p.).

Já Eliana Tolentino (2016, p.119), professora e pesquisadora da Universidade Federal de São João del-Rei, em sua publicação “As mulheres no *Suplemento Literário do Minas Gerais*”, afirma que “a presença de contistas no *Suplemento* produziu um *boom* do conto no Brasil”, e Maria Lysia Corrêa de Araújo estava entre os escritores da época, considerando que, de acordo com Tolentino, em relação ao grupo de mulheres atuantes, havia em torno de 28 escritoras. A partir disso, a pesquisadora analisa o conto “Capítulo XV, versículos 3-20”

publicado em 1983, e esclarece que esse texto elabora um diálogo com a Bíblia e é dessa forma que Maria Lysia Corrêa de Araújo reescreve um conto tradicional, trazendo a insubordinação da mulher como uma marca da personagem feminina, colocando-a como “o espelhamento inverso do herói bíblico Sansão” (TOLENTINO, 2016, p. 132). Por essa razão, a escritora mineira “reatualiza um texto da tradição em situações então contemporâneas do Brasil dos anos da ditadura militar” (TOLENTINO, 2016, p. 132). Para Tolentino, é como se a mulher nesse conto compusesse o seu “contracanto” diante da cultura religiosa e patriarcal.

Diante desse apanhado, podemos notar como a obra de Maria Lysia Corrêa de Araújo é profunda e pode transpassar por campos filosóficos, políticos e literários, apresentando questionamentos, acontecimentos inusitados e marcas de uma subjetividade intensa que causam um estado de inquietação transmitido dos personagens para os leitores. É por isso que as produções da escritora mineira nos permitem analisá-las com um olhar transdisciplinar que caminha entre literatura e filosofia.

Literatura e filosofia: diálogos

De acordo com o professor André Monteiro (2012), a questão disciplinar e indisciplinar caminham juntas pela inter/pluri/multi-disciplinaridade. Em seu artigo “É preciso aprender a ficar (in)disciplinado”, ele esclarece que a indisciplinada pode ser necessária para que a disciplina seja atravessada por outras artes e, dessa forma, abrir uma passagem para novos contornos, descobertas e possibilidades. É nesse contexto que a oportunidade do encontro entre literatura e filosofia torna-se um potencial de interpretações.

A interdisciplinaridade é algo que se elabora a partir de reflexões. Ela não é imposta, mas acontece naturalmente dentro do sujeito, aquele que constrói o conhecimento. Por essa razão, quando analisamos os contos de Maria Lysia Corrêa, percebemos que o diálogo entre literatura e filosofia vai se construindo, as reflexões vão surgindo em cada acontecimento inesperado.

Nos contos de Maria Lysia Corrêa de Araújo que foram selecionados, inicialmente, temos o contato com personagens comuns, em ambientes rotineiros: uma mulher em sua casa, uma mulher em um ônibus e uma mulher que mergulha no mar. No entanto, é por meio da indisciplinada dessas personagens, do posicionamento que adotam e do novo olhar para a

realidade que as cerca, que percebemos e nos aprofundamos nos mais diversos incômodos e questionamentos sobre o ser.

Os mistérios existenciais desafiam as categorizações narrativas escritas por Maria Lysia Corrêa de Araújo e, por sua vez, a produção da escritora mineira compõe-se de cenas cotidianas surpreendentes e misteriosas. Podemos, portanto, considerar a fala de Jorge Luís Borges quando esclarece que a irrealidade é a condição da arte (BORGES, 1974, p. 508), uma vez que a intersecção entre real e irreal produzem sensações de clausura e mistério, em uma atmosfera onírica, aproximando os personagens de uma vivência surrealista.

A imprevisibilidade de Maria Lysia Corrêa, portanto, faz com que suas personagens saiam do mundo real e se encontrem em situações reflexivas que as levam ao encontro consigo mesmas. Nessas narrativas, texto e experiência caminham juntos dos acontecimentos e, nesse contexto, as personagens refletem sobre si e sobre seu lugar no mundo. Por consequência, elas se autoconstroem, pensando e aceitando um novo eu, uma nova relação consigo mesmas que surpreende o leitor, levando as personagens a fazer escolhas singulares para si mesmas, agindo por meio de uma nova postura diante do mundo.

É nesse processo que se encontram as personagens de *Em silêncio*. Percebemos que elas se desfazem de conceitos e normas e vão ao encontro da própria subjetividade. As determinações sociais são quebradas não por acaso, mas porque desejam, uma vez que elas se tornam estranhas no mundo onde habitam e desejam fugir de qualquer amarra social.

Podemos compreender, desse modo, que quanto mais consciência de si mesmo o indivíduo tem, mais adequada para si será a sua construção, sem padrões ou receitas pré-fabricadas, isso, pois a construção da sua relação com o mundo começa por dentro e, caso não se consiga ter esse contato consigo mesmo, dificilmente as suas atitudes se transformarão.

A obra *Em Silêncio*

A obra *Em Silêncio* (1978) possui vinte e um contos e apresenta discussões que causam estranhamentos e questionamentos em seus leitores. O texto de Maria Lysia Corrêa não traz desfechos conclusivos ou soluções comuns para os seus personagens, pelo contrário, nos mostra protagonistas que nos são incômodos e são incomodados com as situações as quais

vivenciam. A maioria das suas problemáticas têm início em momentos de reflexão, questionamentos sobre si mesmos e sobre o lugar que ocupam no mundo.

Os três contos selecionados para esse estudo possuem características muito singulares: iniciam com descrições a respeito do cotidiano dos personagens e, aos poucos, adentram nos questionamentos internos dos participantes da história, e é dessa forma que o leitor se depara com situações sobrenaturais, obsessivas ou animais. Entretanto, por mais estranho que nos pareça, os personagens, em sua maioria, aceitam quase de forma natural o ambiente sobrenatural e particular que habitam.

A situação não humana, para esses personagens, é mais aceitável do que a realidade habitada por pessoas e seus “tentáculos que aprisionam”. É o que ocorre em, por exemplo, “Mulher no mar”. A fuga desses personagens acontece devido a incômodos e dilemas que os caracterizam em sua profundidade de pensamentos, visões e questionamentos. O mundo disciplinado torna-se desconfortável, fator esse que impulsiona atos indisciplinados das personagens e gera a coragem que as protagonistas precisam para escapar da realidade que as asfixia, isto é, uma prisão metafórica com predeterminações ou expectativas a serem cumpridas. As três narrativas apresentam como protagonistas mulheres que se sentem insatisfeitas, questionam e desejam mudar algo na realidade em que vivem.

A descoberta da desimportância

“Os olhos incólumes” é um conto que não apresenta ao leitor as características físicas ou psicológicas do passado da personagem. O que conhecemos são os seus questionamentos presentes e a sua profunda inquietação ao refletir e descobrir que ninguém no mundo é importante. A personagem principal entra em um ônibus, senta-se, avista o mar e deseja ir até lá. Ela sugere a alguns passageiros a possibilidade de parar o automóvel para que todos observem o mar. Como resposta, obteve a negativa e o rótulo de louca, afinal, ninguém ali poderia ter a rotina interferida. Após esse momento, como um gesto de manifesto, a protagonista questiona todos os passageiros sobre a importância de cada um e indaga “e por que esse ar de semideuses, como se tivessem todas as soluções nas mãos, ninguém enxerga que elas estão vazias? Olhem, as minhas estão vazias, as de vocês estão vazias” (ARAÚJO, 1978, p. 27). A para concluir, esclareceu: “não vêes que não tens importância absolutamente

nenhuma?” (ARAÚJO, 1978, p. 27). O motorista, depois de acompanhar esse manifesto no ônibus, para o automóvel, beija a moça na testa e soca-lhe o rosto até que sobrem apenas pedaços no chão: lábios, olhos, nariz. Os outros passageiros afirmaram que era isso que essa moça merecia, afinal “era preciso observar a rotina” (ARAÚJO, 1978, p. 28) e a tranquilidade retorna. No meio da viagem, os olhos da moça saltam do chão e, como em um exercício audiovisual, dizia-lhes “não veem que vocês não têm absolutamente nenhuma importância?” (ARAÚJO, 1978, p. 28). Foi assim que aqueles olhos se tornaram o terror daquele ônibus. Todos ficaram apavorados com aquelas palavras vistas. Tudo se bagunçou, várias batidas, muito sangue e, por fim, restaram apenas os olhos incólumes.

O animal

“De muita coragem” apresenta uma personagem mulher, atriz, que deseja ser heroína de si mesma, uma heroína que iria fugir das convenções, das amarras. E, por isso, decidiu passar o ano novo sozinha, e é importante destacar: ela estaria consciente da escolha por sua solidão e, por esse motivo, faria daquele dia uma data comum. Assim, com essa decisão, “se sentiu perfeitamente realizada, era uma mulher absolutamente madura” (ARAÚJO, 1978, p. 35).

No primeiro dia do ano, a atriz acordou orgulhosa de si mesma. Era heroína. Vivera o dia anterior como se fosse um dia comum, mas estaria pronta para a segunda etapa? Continuar a viver o primeiro dia do ano de forma habitual. Mais tarde, saiu e comprou um peru. Foi para casa e, mesmo sem fome, teria que comê-lo rapidamente, caso contrário, sua refeição esfriaria.

O conto rompe a ideia de rotina e de habitual quando a atriz precisa, para comer rapidamente aquele peru, tornar-se outro animal e, de maneira feroz, inicia o seu almoço. Colocou o peru no chão e “era difícil partir o peru com as mãos, continuava quente, mas foi conseguindo. Engolia os pedaços mastigava-os rapidamente, com sofreguidão” (ARAÚJO, 1978, p. 36). Durante o almoço ela chegou a rosar, mesmo sem fome, ela “se aniquilava e se bestializava” (ARAÚJO, 1978, p. 36).

Para a personagem, essa segunda fase foi mais complicada. Ela não estava satisfeita nem como gente, nem como animal. Sentiu que precisava das amarras “não conseguira

vencer da mesma forma que venceu a passagem de ano. Fizera-se animal para conseguir isso, esquecer. Então começou a sofrer de novo, profundamente” (ARAÚJO, 1978, p. 37). Ela se sentia infeliz em sua condição humana e em sua condição de animal. Não queria mais tentar, por isso, chegou a ter pena de si mesma. Depois “abriu a janela e sentiu que precisava de muita coragem” (ARAÚJO, 1978, p. 37).

A mulher e os tentáculos

“A mulher no mar” é um conto narrado em primeira pessoa e inicia com a personagem chegando à importante decisão: “nadaria até que desaparecessem todos os edifícios” (ARAÚJO, 1978, p. 61). E assim ela faz. Coloca uma touca e vai para o mar. Após algum tempo nadando, ouve uma voz dizendo “alô”. Virou para descobrir quem era a voz e viu um polvo gigante que, inclusive, falava inglês, francês, alemão, búlgaro. No primeiro momento, a personagem se assustou, mas aos poucos, o diálogo com aquele polvo gigante foi se tornando agradável, pois, apesar do animal possuir grandes tentáculos, esses não apertavam, não tocavam seu corpo.

O animal de grandes tentáculos oferece-lhe ajuda para voltar à praia, pois das amigas do mar ela tinha sido a mais agradável “nada reclamou, nada exigiu, não quis a proteção dos tentáculos” (ARAÚJO, 1978, p. 65). E era justamente por isso que, durante o retorno para a praia, a personagem estava amando aqueles tentáculos, eles não a tocavam. Ao chegar, ela elogiou: “você foi a pessoa... o polvo mais maravilhoso que já conheci em toda a minha longa vida (...) porque você sabe, o que aniquila são as amarras” (ARAÚJO, 1978, p.66). Quando o polvo partiu, a personagem admirava os tentáculos livres.

Ao chegar à praia, a mulher viu-se cercada por muitas pessoas, fotógrafos, cineastas, publicitários, todos buscavam informações a respeito. Perguntaram-lhe se poderia amar um polvo, “por que não? Desde que os tentáculos não se fechem”. Sentiu-se novamente sufocada e voltou correndo para o mar. “Num definitivo” (ARAÚJO, 1978, p. 66).

A fuga de todos os tentáculos

As personagens dos contos selecionados têm algumas características em comum, como não ter receio da solidão e buscar uma vida além do cotidiano e, justamente por isso, experienciam outra vida, outros encontros, outros olhares.

Em “Os olhos incólumes” a personagem desafia o senso comum e descobre-se irrelevante para o mundo. Ela não tem nada, as pessoas não têm nada e é por essa razão que, para ela, ninguém tem importância. É dessa forma que as pessoas comuns são desafiadas a pensar na sua falta de importância. E desesperam-se. Assim, era preciso esmurrar a face daquela mulher que se manifestava até suas palavras pararem de soar no ônibus. No entanto, os olhos daquela moça sobreviveram e continuaram a gritar a falta de importância dos passageiros. As suas palavras e os seus olhos foram motivos para acidentes, desespero e a morte daqueles que não eram capazes de lidar com essa informação.

No mesmo conto, os olhos da personagem saltavam e, ao mesmo tempo, gritavam a sua verdade para os outros passageiros, mas eles não queriam ouvir. A violência foi a forma mais seca de solucionar aquela situação, de silenciar. Existiam ali, pessoas que não queriam desfazer-se das amarras/tentáculos sociais, pois isso significaria reconhecer sua insignificância.

Já em “De muita coragem”, a busca da personagem por libertação das amarras constitui-se em três fases: a primeira vivida heroicamente, após fazer de sua passagem de ano mais um dia comum; a segunda, em que ela resolve almoçar um frango inteiro, mas esse momento torna-se angustiante, não sente fome e precisa tornar-se um animal para conseguir esquecer as amarras; e, por terceiro, a personagem vê no salto que faria da janela a possibilidade de esquecer.

Uma protagonista complexa, a transformação em animal transmite o desespero e a agonia da mulher na busca do esquecimento. As amarras aparecem no texto como algo de que a personagem deseja fugir, mas escapar não basta, é necessário esquecê-las.

Já no conto “A mulher do mar”, algo não pode ser deixado de lado: o diálogo entre a mulher e o polvo, e o silêncio que ambos compartilhavam no mar. É construída uma intimidade durante a conversa, justamente porque o polvo, apesar de ter amarras, não sufoca a mulher. Dessa forma, o silêncio, que para muitas pessoas seria constrangedor, não se torna um incômodo entre esses personagens.

Em suma, os olhos que gritam, o animal devorador e o polvo são personagens que não estão no mundo cotidiano, habitual e natural. A intenção neste trabalho não é classificá-los ou defini-los em sua função no texto, mas compreendê-los como um escape, uma fuga, uma rota de transgressão ou de transformação.

As mulheres de Maria Lysia Corrêa de Araújo são personagens que pensaram em sua existência e, a partir de suas conclusões, tiveram importantes decisões e ações em suas vidas: um manifesto em um ônibus, uma fuga da rotina de ano novo e um mergulho, sem volta, no mar. É a partir dessa reflexão sobre a existência que a discussão se torna mais presente nos contos.

Nietzsche (s/a) na obra *O livro do filósofo* questiona “quando se atinge um aprimoramento da vida, cessará filosofar? Não, é então somente que começa o verdadeiro filosofar” (p. 18). A partir dessa enunciação de Nietzsche, podemos observar que o ato de filosofar não termina e, quanto mais se aprimora na vida, maior é a possibilidade de desenvolvê-lo. Dessa maneira, a filosofia relaciona-se com a experiência de mundo, com o ter contato com o mundo e, ao mesmo tempo, um pensar sobre o mundo cada vez mais aprimorado. As personagens de Lysia Corrêa deixam-se ser atravessadas por diferentes experiências e tentam, por meio dessas vivências, buscar o que é melhor para si ou, pelo menos, fugir da realidade que, para elas, não tem importância.

Nietzsche (s/a), na mesma obra, prossegue “inicialmente não vemos as imagens no olho a não ser em nós, não ouvimos o som a não ser em nós - daí a admitir a existência de um mundo exterior, vai ser um grande passo” (p. 144). Essa reflexão indicada por Nietzsche nos mostra como que os raciocínios inconscientes são donos de muitas de nossas percepções mais sensíveis (p.144). Essa é uma questão que demonstra como as personagens de Lysia Corrêa, tão presas em si ou na sociedade, querem abrir espaço para saírem do comum, para aprimorarem-se. Então, elas escapam à procura do mundo exterior, e ao fugir dão um grande passo. Quando essas personagens abrem o caminho e reconhecem a existência de outras possibilidades, muitos desejos são experienciados: o polvo tem tentáculos que não sufocam, o ser de uma mulher é atravessado pelo ser animal e, mesmo no silêncio, os olhos continuam falando além da morte, afinal, era preciso falar e ser escutada, para iniciar uma transformação.

É dentro dessa contextualização que ocorre a aproximação entre produção literária e pensamento filosófico. Lysia Corrêa traz em seus contos questões sobrenaturais e existenciais.

Dessa forma, o encontro da literatura com a filosofia, na obra da escritora mineira, não rompe o fluxo com a linguagem dos contos, porém mescla a linguagem de caráter filosófico e a trama ficcional.

Um aspecto importante para levar em consideração é que Maria Lysia Corrêa de Araújo não demonstra preocupação em construir uma obra de caráter filosófico. Ela usa as personagens para apresentar questões sobre a própria existência do ser, na obscuridade e incompreendida pelas outras pessoas que vivem em sociedade. A escritora mineira utiliza do discurso literário apoiando-se no filosófico para questionar, para demonstrar personagens incomodados que vivem em um universo clandestino. O livro de Lysia Corrêa procura questionar o mundo e, por consequência, a própria condição humana. Por essa razão, na obra *Em Silêncio* a relação possível/impossível é trabalhada de diferentes maneiras, com personagens mergulhadas na angústia, no tédio, no medo, na coragem e na falta dela e, principalmente, na animalidade.

Para Nietzsche (s/a) “todas as leis da natureza são apenas relações de um x a um y a um z” (p. 150). Essa questão traçada pelo filósofo enfatiza que os seres estão entre algo. Essa é a experiência das personagens de Lysia Corrêa, elas encontram esse caminho que não é uma totalidade definida, mas a possibilidade de serem atravessadas por outros seres e, portanto, permitem-se caminhar, nadar, gritar e indefinir-se. Se o resultado será positivo ou não, provavelmente, não é nosso trabalho julgar, pois as percepções tornam-se amplas e múltiplas.

Além disso, podemos pensar em outra consideração de Nietzsche (s/a) “o filósofo não procura a verdade, mas a metamorfose do mundo nos homens: luta pela compreensão do mundo com a consciência de si. (...)” (p. 151). São as personagens de *Em Silêncio* que procuram compreender seu lugar no mundo e, por isso, transformam-se e são essas transformações e as possibilidades de se compreenderem no mundo com outro ponto de vista que as aproximam de um estado de indeterminação, indiscernibilidade, portanto, “fora da caixa.” Os contos de Lysia Corrêa escapam do cotidiano e as personagens transcendem. Se o personagem Riobaldo, em suas reflexões, declarava que “viver é muito perigoso” (ROSA, 2006, p. 26), a narrativa de Lysia Corrêa reconhece muito bem esse perigo, afinal, as personagens não se limitam às expectativas do mundo, elas fluem de acordo com as circunstâncias, vivenciando o diferente, o perigo e a dor, se necessário.

A travessia das personagens

As personagens de Lysia Corrêa estão interessadas em construir uma vida mais autêntica, que pertença a elas mesmas, conscientes de suas decisões e longe dos contornos sociais. Por isso, esses contos são tão angustiantes e inquietantes.

O fato de suas personagens não terem nomes faz com que elas se identifiquem com todos os seres, pois muitos dos acontecimentos mostram a fragilidade da condição e da sociedade humana, todos os personagens vivem uma espécie de fuga. Deleuze (1998) em “Uma conversa, o que é, para que serve?”, o primeiro capítulo de sua obra *Diálogos* (1998), afirma que

as coisas, as pessoas, são compostas de linhas bastante diversas, e que elas não sabem, necessariamente, sobre qual linha delas mesmas elas estão, nem onde fazer passar a linha que estão traçadas: em suma, há toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga etc. (p. 18)

Deleuze (1998) teoriza que os seres humanos, em sua geografia, seriam permeados por linhas imaginárias e, nos diferentes momentos de suas vidas, eles podem ser atravessados por distintas linhas. Essa questão aproxima do que o filósofo chama de “devir”, ou seja, “os devires são geografias, são orientações, direções, entradas e saídas” (p. 10). Nos contos de Maria Lysia Corrêa de Araújo há uma personagem em específico que tem a sua geografia atravessada por outra geografia, ou seja, atravessada por um devir-animal.

Em “De muita coragem”, a questão animal surge como um transe, pois num momento em que o ser-mulher é atravessado pelo ser-animal, os instintos primitivos são libertos para que a personagem possa viver determinadas experiências que o mundo externo e rotineiro, provavelmente, não compreenderia. Após essa ação animalesca e feroz, a personagem encontra-se com o seu estar no mundo e é nessa situação que corpo e mente se adequam. Ao observarmos esse devir-animal, pode não ser apropriado pensar ou confundir o animal como um ser humanizado, como o que ocorre nas fábulas, por exemplo. Por isso, é importante termos o cuidado para não cair em uma narrativa de microclassificações e definições disciplinadas, é importante lembrar da possibilidade de perceber as diferenças.

No conto “De muita coragem”, a personagem precisa ter uma zona de vizinhança com o animal para comer o peru, pois com o seu pensamento racional, ela não tinha forças para se alimentar. Por isso, ela foi atravessada por esse devir-animal, esse “estar por tornar-se”. É

assim que a personagem demonstra em sua ação a coexistência de seus devires que para Deleuze (1998), em *Diálogos*, operam no silêncio e são quase imperceptíveis. “O devir é jamais imitar, nem fazer como, nem se ajustar a um modelo. O devir não trabalha com “máquinas binárias”, como “questão-resposta”, “masculino-feminino” ou “homem-animal” (p. 10). É nesse contexto que a personagem, estando atravessada por algo, atinge a sua rota de fuga em um devir-animal.

Fizera-se animal para conseguir isso, esquecer. Então começou a sofrer de novo, profundamente. A sua triste condição humana, a sua triste condição animal, nada adiantara nada. Chorava. Era uma idiota como outra qualquer. Precisava de gente, da família, do almoço, do comum, da presença, das amarras, precisava de todas aquelas coisas protocolares, do cotidiano, dum sempre que não havia mais. (ARAÚJO, 1978, p. 37)

A personagem percebeu que precisava do comum e, mesmo em sua condição de devir-animal, não pôde sentir um conforto, por isso, “em um desespero ilimitado anulou toda a sua possibilidade humana (...) e abriu a janela. Estava tudo longe. Só ela existia. E a altura. Precisava agora de coragem. De muita coragem” (p. 37). Portanto, essa personagem precisava das amarras e, por esse motivo, para se libertar delas, tinha a necessidade de esquecê-las.

Da mesma forma, ou quase pelo mesmo motivo, a personagem de “A mulher e o mar” resolveu entrar no mar sem pensar na volta, as amarras sociais fizeram-na ir para uma nova travessia, sem retorno e ao encontro de um polvo compreensivo. A mulher estava disposta a “desacontecer”:

Subi às costas do polvo e senti uma paz absoluta. Tranquilidade. Eu observava seus tentáculos se moverem sem me tocar. Era delicioso, perfeito. Nesse instante descobri a essência da vida. E era bom silenciar e era bom conversar.
— Meu amigo, as coisas acontecem e desacontecem. Que acha disto?
— Claro, só que nem todos entendem quando desacontecem, daí o drama...
— Quando desacontecem, as pessoas...
— As pessoas... lá vem você de novo. As pessoas não se conformam com os desacontecimentos... deixá-las. (LYSIA, 1978, p. 65).

Ir para o mar era iniciar um processo de “desacontecimento”, era um desacontecer para o trabalho, para os fotógrafos, para os edifícios e para a vida comum.

No outro conto, a mulher de “Os olhos incólumes” percebeu a sua falta de importância e, mesmo depois de dilacerada, permaneceu com seus olhos vivos que gritavam aos outros passageiros “não veem que vocês não têm a menor importância” (p. 28), deixando todos em

pânico, em um descontrole completo e, quando tudo estava coberto de sangue, apenas os olhos permaneceram incólumes.

Considerações finais

Todas as personagens demonstraram seus incômodos e, por isso, foram atravessadas por outras geografias e buscaram a fuga das amarras, pois essas já não se adequam mais a esse novo momento de reflexão que vivenciam.

É assim que se formam múltiplas possibilidades, múltiplos corpos dentro dos contos. Alberto Pucheu (2003, p.4) em *Escritos da indiscernibilidade* afirma que há entre a filosofia e a poesia encontros que permitem a formação de corpos múltiplos. Da mesma forma, poderíamos afirmar que nos contos de Lysia Corrêa, o vínculo entre literatura e filosofia permite a formação de sujeitos e olhares múltiplos, de diferentes percepções e reflexões que atravessam as personagens.

O cotidiano e o comum, quando questionados pelas mulheres de Lysia Corrêa, são percebidos como fortes amarras. E, para que as personagens escapassem dessa condição, foi preciso ter coragem e ir ao encontro de outras possibilidades: elas se abriram para o que há de extraordinário no humano, no animal, reconheceram, inclusive, a sua falta de importância e, assim, buscaram experiências desmedidas, que visavam a prática de suas descobertas, a busca pela libertação.

É, dessa maneira, que o inesperado chega e atinge as personagens dos contos de *Em silêncio*. Pucheu (2003), na obra supracitada, continua “a medida da palavra é sua desmedida (...). Escrever torna-se um lançar-se para dentro da impossibilidade que, de seu desamparo cede, e, cedendo, faz-se possível. Para o que vai aparecendo na linguagem, só há uma pertinência: o inesperado” (p. 8). O inesperado, o incômodo, transmitido de Lysia Corrêa para o leitor, “escrever, pensar: criar zonas de instabilidades” (PUCHEU, 2003, p. 16). E mesmo que as personagens tenham um encontro doloroso com a realidade, a reflexão está construída para o leitor, por meio do encontro entre literatura e filosofia.

E, assim, apesar do silêncio sobre o futuro das personagens, pois não sabemos exatamente o que acontece após o último mergulho no mar ou se a personagem teve coragem ou não de seguir em frente na janela, reconhecemos que elas e suas palavras, assim como os

olhos no ônibus, permaneceram incólumes, pois reconheceram e fizeram seus esforços para escapar dos tentáculos.

Referências

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. De muita coragem. In: *Em silêncio*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1878. p. 33-38.

_____. Mulher do mar. In: *Em silêncio*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1878. p. 61-66.

_____. Os olhos incólumes. In: *Em silêncio*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1878. p. 25-28.

BORGES, Jorge Luís. El milagro secreto. In: *Borges: obras completas*. Buenos Aires, Emecé Editores, 1974. p. 508–513

DELEUZE, Gilles. Uma conversa, que é, para que serve?. In: *Diálogos*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo. Ed. Escuta, 1998.

MONTEIRO, André. *É preciso aprender a ficar (in)disciplinado*. Texto falado no VI Simpósio em Literatura, Crítica e Cultura, realizado, em maio de 2012, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em <<http://www.albertopucheu.com.br/pdf/ensaios/eprecisoaprenderaficarindisciplinado_andre_monteiro.pdf>> último acesso em agosto de 2019.

MOURA, Helianara Amorim. “Anjos das asas leves” as crônicas de maria Lysia Corrêa de Araújo. In. *Estudos linguísticos e literários*. Nº 59, Jan.-Jun., 2018, Salvador: p. 409-423.

NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo*. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo, Ed. Escala. Coleção: Grandes obras do pensamento universal, vol 76, s/a.

OLIVEIRA, Wilbett. A inquietação como ruptura do cotidiano no conto “A roupa” de Maria Lysia Corrêa de Araújo. In. *Gemina: revista de literatura e arte*. Setembro, vol. 11, nº 3, 2015, s/p. Disponível em <<https://www.geminaliteratura.com.br/2015/literatura_ago15_wilbettoliveira.htm>> último acesso em novembro de 2022.

PUCHEU, Alberto. Escritos da indiscernibilidade. 2003. Disponível no site do autor <<<http://www.albertopucheu.com.br/livros.html>>> último acesso em agosto de 2019.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SALBÉ CARVALHO, Taís; VON SÖHSTEN GOMES FERRAZ, Antônio Máximo. Benedito Nunes e João Guimarães Rosa: filosofia e literatura em *Grande Sertão: veredas*. In. *Nonada: Letras em Revista*, vol. 1, n.º 26, 2016, p. 133.

TOLENTINO, Eliana. As mulheres no *Suplemento Literário do Minas Gerais*. In. *Caletrosópio*. Volume 4, n.º especial, 2016. Disponível em <<https://periodicos.ufop.br/caletrosopio/article/view/3622/2851>> último acesso em novembro de 2022.

ZACHARIAS, Pâmela. A literatura filosófica de Clarice Lispector. In. *FronteiraZ. Revista do programa de estudos pós-graduados em literatura e crítica literária*, n.º 23, 140–157. Disponível em <<https://doi.org/10.23925/1983-4373.2019i23p140-157>> último acesso em novembro de 2022.

ABSTRACT: Considering the possibilities generated in the encounter between Literature and Philosophy, in this article we intend to make some reflections about how this interdisciplinarity appears in the short stories: “Os Olhos Incólumes”, “De muita coragem” and “A mulher no mar”; from the work *Em silêncio* by the Minas Gerais writer, Maria Lysia Corrêa de Araújo (1978). At the same time, we focus on aspects of this book that demonstrate the characters’s great desire to escape from social patterns. The theoretical framework of the analysis here proposed is based on the ideas of the philosophers Friedrich Nietzsche (s/a) and Gilles Deleuze (1998).

KEYWORDS: Literature and Philosophy; Women Writers; Maria Lysia Corrêa de Araújo.